

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DBI - DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
PEA - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS
AQUÁTICOS CONTINENTAIS
GRUPO DE ESTUDOS EM MANEJO E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO EM UM REMANESCENTE FLORESTAL DO
NOROESTE DO PARANÁ. POTENCIALIDADES GASTRONÔMICAS, SABER
POPULAR E NOVAS PERSPECTIVAS.**

GUILHERME OKUDA LANDGRAF

ALBERTO OKUDA LANDGRAF

JOÃO BATISTA CAMPOS

Maringá, junho de 2012.

1. Introdução

Desde o início das civilizações as pessoas usam plantas para os mais variados fins, a utilização de plantas pelo ser humano em suas diferentes culturas é chamada de etnobotânica, e pode ser definida como: "o estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e plantas" em sistemas dinâmicos. Esta disciplina, abrange o estudo das inter-relações das sociedades em suas relações com as plantas (Fonseca-Kruel *et al.* 2005; Oliveira *et al.* 2009). O termo etnobotânica foi primeiramente sugerido por John Harshberger em 1986 para delimitar um campo específico da botânica e descrever as diferentes formas de utilização de plantas.

GOMEZ-POMPA (1986) definiu como sendo a precursora da botânica econômica ou a botânica econômica "folk", baseando-se no conceito de BARRERA (1979), que concebe etnobotânica, como o estudo das sabedorias botânicas tradicionais. A etnobotânica é um campo multidisciplinar que integra técnicas de áreas como a biologia, antropologia, etnologia, linguística, economia e outros campos. Ela pode ser vista como uma disciplina antiga em sua prática mas jovem em sua teoria, com um forte caráter interdisciplinar integrador, demonstrado na diversidade de tópicos estudados, aliando fatores culturais e ecológicos.

De acordo com Hamilton *et al.* (2003) as principais funções da etnobotânica são dentre outros, a conservação de espécies vegetais, inventários botânicos, sustentabilidade de recursos florestais incluindo produtos não maderáveis e recuperação, preservação e difusão do conhecimento botânico popular. Ela também deve ser considerada com uma disciplina chave uma vez que resgata e une o conhecimento tradicional, a conservação de recursos vegetais e o desenvolvimento sustentável (Hamilton *et al.* 2003).

As plantas sempre foram de fundamental importância para o bem estar humano, elas provêm as pessoas: alimentos, combustíveis e remédios, bem como materiais para construção e fabricação de artesanato e muitos outros produtos. Estudos etnobotânicos no Brasil se fazem essenciais uma vez que possuímos uma enorme diversidade cultural assim como uma "mega-diversidade" de plantas, e uma grande interação das comunidades com a vegetação.

A etnobotânica como ciência vêm experimentando um crescimento expressivo, especialmente em países da América Latina. Oliveira et al. 2009 em um levantamento dentro da plataforma Lattes da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sobre os avanços das pesquisas etnobotânicas no país, encontrou 469 doutores trabalhando e 964 "outros pesquisadores" trabalhando com etnobotânica no país. Apesar do grande número de pesquisadores na área, poucas instituições já inseriram em suas grades curriculares, disciplinas ou cursos relacionados a Etnociências (Fonseca-Kruel *et al.* 2005).

No entanto grande parte destes pesquisadores vêm trabalhando com pesquisas relacionadas a usos medicinais de plantas o que explica a tendência de muitos estudos etnobotânicos serem direcionados a plantas medicinais, sendo que os trabalhos que estudam a utilização das espécies como fonte de alimento, ou outros usos são poucos.

Segundo Oliveira (2009), a etnobotânica atualmente enfrenta diversos desafios na busca de seu fortalecimento, dentre os quais a urgência do estabelecimento eficiente de um diálogo entre as áreas que fazem interface nos estudos etnobotânicos viabilizando estudos interdisciplinares de fato.

Dentro deste contexto existe uma grande tendência da crescente valorização do conhecimento de populações locais como parceiras e detentoras de conhecimento. Esta crescente valorização do conhecimento tradicional também proporcionou o surgimento de um interesse renovado nos possíveis benefícios econômicos das plantas, o qual transformou o próprio conhecimento em um tipo de produto, valorizado economicamente e alvo de bioprospecção.

Assim, propõe-se um estudo etnobotânico da flora da Estação Ecológica do Caiúá, bem como o resgate do conhecimento popular sobre o uso dessas espécies.

2. Justificativa

O território brasileiro abrange diferentes biomas, com grande diversidade biológica e elevado número de espécies endêmicas. Esses ambientes têm sofrido paulatinamente uma

elevada pressão antrópica. Somada, à grande diversidade biológica, o Brasil possui uma grande diversidade cultural de povos indígenas e comunidade "caboclas" que também sofreram uma enorme pressão antr. Estes grupos sociais possuem vasto conhecimento tradicional sobre as diferentes formas de aproveitamento e manejo de recursos naturais, principalmente sobre as espécies vegetais (Fonseca-Kruel *et al.* 2005).

Dentre as áreas prioritárias para a conservação em âmbito mundial, se encontram a Floresta Atlântica Brasileira com 20.000 espécies de plantas sendo 8.000 endêmicas e o Cerrado com 10.000 espécies de plantas sendo 2.500 endêmicas.

As florestas neotropicais vêm sofrendo uma grande pressão antrópica, as principais consequências são a redução drástica de suas áreas de remanescentes naturais e as consequências da fragmentação e redução das áreas de florestas contínuas. Originalmente o Estado do Paraná possuía 83,41% de sua área coberta por florestas, sendo o restante ocupado com outras formações como manguezais, campos e cerrados. O desmatamento no Paraná teve início no fim do século XVI por volta do ano 1890 começando pela região litorânea apresentando somente 1,68% da área do estado desflorestada (Fig. 2). Em 1930 essa área já era de 36% sendo que em 1950 já ultrapassava 60%.

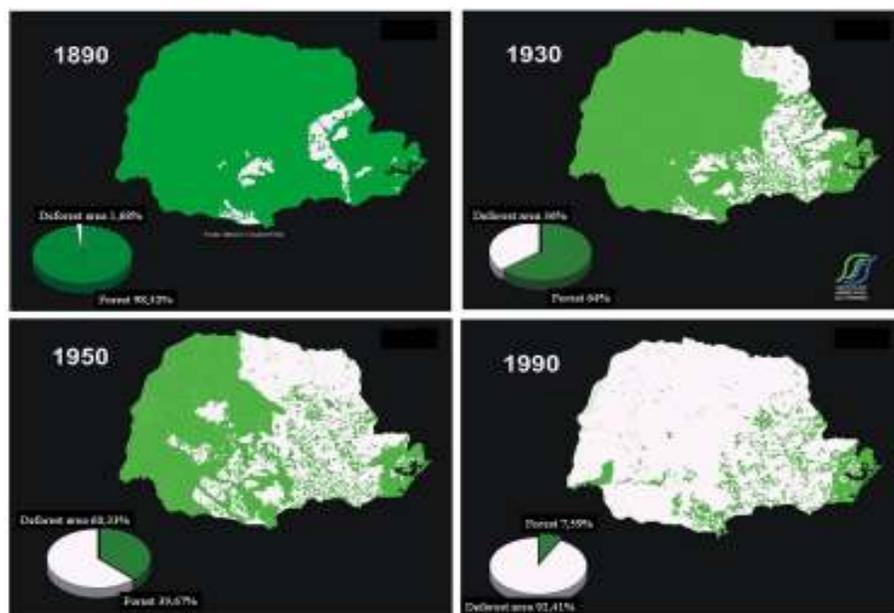


Figura 2. Histórico do desflorestamento do Estado do Paraná.
Fonte: SEMA, 2010.

Nesse período teve início o desflorestamento de toda a região oeste do Paraná, incluindo a região do extremo noroeste. Nesta região as florestas foram derrubadas e passaram a dar lugar a pastos de gramíneas para a criação de gado e para a agricultura como o café, milho e cana de açúcar.

O estado do Paraná possui atualmente algo em torno de 8% da cobertura original, com as florestas remanescentes concentradas em Unidades de Conservação, em especial, no Litoral e Serra do Mar e no Parque Nacional do Iguazu (Campos, 2006). O processo de desmatamento no estado começou no leste do estado (litoral) e avançou em direção ao oeste, alcançando o Rio Paraná e a porção Noroeste do Paraná.

Como resultado deste processo, as formações florestais da porção Norte e Nordeste do estado encontram-se quase dizimadas com menos de 1% de sua cobertura original restante (Campos 2004). Dessa forma são necessários estudos sobre a estrutura e funcionamento destes poucos remanescentes florestais para aplicarmos ações de manejo e conservação da biodiversidade.

A necessidade de assegurar a diversidade biológica tem sido posta no topo da lista das prioridades para o design de reservas, uma ciência relativamente nova, (30-40 anos), e que trabalha com a minimização da perda de biodiversidade no projeto de reservas naturais (neste projeto vamos considerar cada fragmento florestal como uma reserva natural) (Kingsland, 2002). Os objetivos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC (Lei nº 9.985/2000), também são focados na conservação da biodiversidade (Brasil, 2000).

Numa época onde a sustentabilidade tem se firmado como uma das principais metas globais, a etnobotânica discute possibilidades de aproximar as pesquisas científicas das populações tradicionais. Dessa forma, este estudo têm grande importância a fim de investigar o uso de espécies vegetais pela população tradicional da área como fonte de alimento e outros fins e registrar as espécies frutíferas da região.

3. Objetivos

3. 1. Objetivo principal

Levantamento etnobotânica da espécies vegetais da Estação Ecológica do Caiuá e avaliação das potencialidades das espécies frutíferas florestais da área de estudo, assim como o desenvolvimento de novos produtos utilizando estas espécies.

3. 2. Objetivo secundário

- Levantamento das espécies vegetais da área;
- Verificação do conhecimento popular e sua interação com os recursos vegetais;
- Avaliação da potencialidade de uso das espécies vegetais da área para a gastronomia;

4. Materias e Métodos

4. 1. Área de estudo

A EECAIÚA é um dos últimos remanescentes de Floresta Estacional Semidecidual do Noroeste do Paraná está localizada no município de Diamante do Norte – PR, Brasil, e é limitada pelas coordenadas UTM 305-313 km, com altitude variando entre 240-380m (Costa-Filho & Campos, 2008).

A região é uma zona de transição entre a região tropical e a região subtropical, estando próxima do Trópico de Capricórnio. O clima segundo a classificação de Köppen é do tipo Cfa, subtropical, úmido, mesotérmico, com verões quentes e geadas pouco freqüentes.

O trimestre mais seco ocorre nos meses de junho a agosto enquanto que o trimestre mais chuvoso vai de dezembro a fevereiro, a EECAIÚA encontra-se na área mais propicia a seca na

Bacia do Rio Paraná, com a menor concentração de chuva e solo de baixa retenção de água (Zandoni *et al.*, 2008).

O solo da região é formado em sua maior parte pela formação Arenito Caiúa, Série São Bento – Cretáceo. O relevo da região é formado por uma região aluvial a beira do Rio Paranapanema, um vale com ondulações, e altas superfícies de planalto (IAP, 1997). A agricultura predominante na área é formada por pastos mandiocais e plantações de café (Costa-Filho & Campos, 2008).

A EECAIÚA foi instituída pelo decreto n° 4263/94, e conta com uma área de 1.427,30 ha. O tipo florestal predominante na região é a Floresta Estacional Semidecidual Submontana, caracterizado no planalto paranaense pela peroba (*Aspidosperma polyneuron* Muell. Arg.) (IBGE 1992). Ela é um dos últimos remanescentes preservados da região que possui somente cerca de 1% da vegetação original (Campos, 2004).

4. 2. Coleta de material botânico

Para fim de investigar as possíveis espécies frutíferas e montar um banco de dados fotográfico para a entrevista dos populares, serão realizadas expedições para coleta de material florístico na Estação Ecológica do Caiúa. As coletas serão realizadas no período entre os meses de agosto de 2012 a abril de 2013.

Serão coletados ramos vegetativos e reprodutivos das espécies vegetais encontradas , para posterior identificação da espécie e inventário. O material será depositado no Herbário da Universidade Estadual de Maringá e estará disponível para consulta na forma de exsicatas. A identificação das espécies, quando possível, será realizada em campo, e serão colhidas *vouchers* como material testemunho e também serão colhidas amostras das espécies que não forem identificadas em campo, para identificação posterior. O material será coletado de acordo com a metodologia proposta por Judd *et al* (2009) e Fidalgo e Bononi (1989). As amostras botânicas serão depositadas e identificadas no Herbário da Universidade Estadual de Maringá (HUEM) e consultas a chaves de identificação e material bibliográfico. Poderão também ser coletados

frutos de interesse gastronômico para avaliar as potencialidades de utilização na produção de produtos alimentícios e pratos diferenciados.

Referências bibliográficas

- Brasil, 2000. *SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação*. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.
- Campos, J. B. 2004. Spatial characterization of the vegetation. In: Thomaz, S. M.; Agostinho, A. A.; Hahn, N. S. (eds.) *The Upper Parana River and its Floodplain: Physical aspects, Ecology and conservation*. Leiden. Backhuys Publishers. p. 360-380
- Campos, J. B. 2006. A fragmentação de ecossistemas, efeitos decorrente e corredores de biodiversidade. In: CAMPOS, J. B. & TOSSULINO, M. G. P. & MULLER, C. R. C. *Unidades de Conservação: ações para a valorização da biodiversidade*. Instituto ambiental do Paraná, p. 165-174.
- Costa Filho, L. V. C. & Campos, J. B. 2008. A estação ecológica do Caiúa. *Cadernos da biodiversidade*. Ed. Esp. – Estação Ecológica do Caiúa. v.6; n.1 p.1-7.
- Fidalgo, O. & Bononi, V. L. 1984. (Coord.). *Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico*. Instituto de Botânica, São Paulo. (Manual n. 4
- Fonseca-Kruel VS, Silva IM & Pinheiro CU, 2005. O ensino acadêmico da etnobotânica no Brasil. *Rodriguesia*, 56(87):97-106.
- Hamilton AC, Shengji P, Kessey J, *et al.*, 2003. The purposes and teaching of Applied Ethnobotany.
- IBGE. 1992. *Manual técnico da vegetação brasileira*. Rio de Janeiro, 1992. p. 92.
- Judd, W.S., Campbell, C.S., Kellog, E.A. & Stevens, P.F. *Sistemática Vegetal: Um enfoque filogenético*. Porto Alegre: Artmed 2009.
- Kingsland, S. E. 2002. Design nature reserves: adapting ecology to real-world problems. *Endeavour*. v.26, n.1, p.9-14.
- SEMA – Secretária Estadual do Meio Ambiente do Paraná. *Mapa de cobertura florestal do Paraná*. Disponível em: <http://www.mataciliar.pr.gov.br/modules/galeria/fotos.php?evento=4>. Acessado em: 21 de novembro de 2010.
- Oliveira FC De, Albuquerque UP De, Fonseca-Kruel VS & Hanzaki N, 2009. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 23(2):590-605.